

## ***Trip* no tempo: nostalgia e memória numa edição “retrô”<sup>1</sup>**

Frederico de Mello Brandão TAVARES<sup>2</sup>  
Denise Figueiredo Barros do PRADO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **Resumo**

Neste artigo, analisa-se como a revista *Trip*, na edição 229, voltada para a temática da nostalgia e do *vintage*, constrói discursivamente formas de se compreender o passado e elabora uma conceitualização sobre o tema. Discute-se como a revista, ao abordar o passado e suas relações com o presente, remodela e reafirma sua posição editorial. A abordagem trabalha com os conceitos de memória, memória coletiva e saudade e como estes abrem possibilidades de leitura sobre a experiência a partir do tempo. Observa-se que a revista elabora um discurso e um metadiscurso nesta edição: no primeiro, propõe definições para se compreender a nostalgia e o *vintage*, especialmente correlacionando-os a experiência pessoal; no segundo, a *Trip* se oferece como referência para pensar o passado e seu lugar no jornalismo de revista.

**Palavras-chave:** Memória; *Vintage*; Nostalgia; *Trip*.

### **1. Introdução**

A chamada no alto direito da capa da edição 229 da revista *Trip* grita em caixa alta: “RETRÔ MANIA”. E pergunta: “Por que queremos buscar nos valores, na estética e no do *lifestyle* passado, um sentido para o presente e uma perspectiva para o futuro?”. A questão, pode-se dizer, possui dois sujeitos implícitos: o leitor, por um lado, endereçado como “público alvo” e, por outro, a própria revista. À esquerda dos dizeres, o logotipo da publicação reproduz a identidade visual da marca, tal qual sua “cara” na primeira edição,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, MG. Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos, email: [fredtavares.ufop@gmail.com](mailto:fredtavares.ufop@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, MG. Doutora em Comunicação Social pela UFMG, email: [denisefbp@gmail.com](mailto:denisefbp@gmail.com).

que circulou em 1986. O protagonista da foto que sangra pela página é um surfista, assim como na capa da edição 01<sup>4</sup>.

No expediente, a publicação diz “resgatar” a estética dos primeiros anos de *Trip* e o leitor fiel, pelo que vê, é provocado a entrar numa espécie de túnel do tempo, cuja viagem, menos que um retorno, implica num deslocamento de épocas e tempos. Uma edição temática orientada pela vontade de memória, mas não necessariamente presa ao passado. A pergunta que complementa a primeira, ainda na capa, diz: “O mundo virou *vintage*?”. *Vintage* ou não, o processo de tornar-se algo questionado pela revista não se refere apenas ao mundo, mas a uma estratégia editorial que busca cercar por vários caminhos um conceito que extrapola o que foi, porque dá a ver também o que é e o que será, neste tema, a partir de conteúdos e modos de dizer que o envolvem segundo as escolhas da edição em tela.

Buscar a si mesma como referência e instaurar um jogo entre temporalidades permite pensar essa edição de *Trip* como não apenas o reconhecimento de uma tendência (nós – revista – somos *vintage*), mas operações que esta mesma tendência provoca a um tipo de jornalismo e produto de comunicação impressa. A edição *vintage* de *Trip* parece, portanto, realizar um duplo movimento, ao mesmo tempo em que a partir dele se orienta: (1) articula elementos da memória, revestindo-lhe uma roupagem da nostalgia e atribuindo a essa um sentido, como também (2) promove um discurso indireto de autoreferência, cruzando pelo antes e o agora (também revestido de um depois), uma identidade editorial e um modo de cumprir, mensalmente, o acontecer dessa constituição.

O fenômeno que orienta esta pauta não é exclusivo e nem tampouco recente. Já no editorial da edição (p. 28), cujo título é “Bem passado”, todo o primeiro parágrafo, sua abertura, é uma reprodução de um trecho da reportagem de capa da revista *Realidade*, de maio de 1973, mais de 40 anos antes, cuja chamada principal dizia: “O passado está na moda”. As palavras do repórter da época, Geraldo Mayrink, de uma “atualidade assustadora”, afirma *Trip*, enfatizavam:

Imagens de antigamente e consumidores de hoje mantêm um diálogo cada vez mais intenso. A nostalgia se espalha nas roupas, nos filmes, nos discos que voltam ou imitam os de ontem, nos automóveis, nos anúncios. O passado é sempre feliz, dizem os psicólogos. Não há futuro no passado, condenam os sociólogos. O passado vende, contentam-se os industriais da novidade. Este é o ano das reprises, submetendo todos a uma poderosa lei que os obriga a sentir saudade.

---

<sup>4</sup> A capa da primeira edição de *Trip* está reproduzida na página do “Expediente” da edição 229. O conteúdo pode ser acessado em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/229>

A capa de *Realidade* tem uma modelo em destaque, loura, de pinta no rosto, com um sorriso e pose *a la* Marilyn Monroe. Só é possível ver seus ombros desnudos, um pedaço da roupa branca e colares. Mas a posição não deixa dúvidas sobre o ato de sua curvatura: há um vestido a voar, tal qual o imaginário sobre a atriz faz lembrar – hoje e há mais de quatro décadas.

Este diálogo entre edições, que fundamenta e fomenta discursos sobre o “retrô”, afunila sentidos sobre um passado da cultura *pop*, do consumo, muito relacionada aos produtos da indústria cultural em geral. Mesmo que a opinião de psicólogos e sociólogos hoje tenha mudado – e não se trata aqui de uma afirmação –, os industriais remetidos por Mayrink parecem seguir compartilhando o valor do nostálgico. E isso inclui, também, a mídia e os veículos de comunicação.

A ideia de “retrô”, abreviação da palavra retrospectiva, pode ou não ser sinônimo de *vintage*. No francês, *rétrospectif* diz respeito, no uso corrente, à caracterização de algo que estaria fora do uso corrente na atualidade. Referir-se-ia a um estilo diferente do atual. Já *vintage*, no uso cotidiano, segundo a origem anglo-francesa do termo, faria referência a uma boa safra da colheita de uvas, servindo para designar, por exemplo, um vinho de boa qualidade. A junção de ambos os termos, quando seus significados se mesclam, apropria-se das ideias centrais de ambas as definições. O *vintage* ou o retrô, nesse sentido, como similares, diriam respeito a algo anterior, antigo, mas de qualidade, “charmoso”, “clássico”. O que não possuiria uma concretização específica, mas distintas manifestações – principalmente estéticas – que elevam o passado no presente, ou cuja presença, transporta para um lugar de conforto, de boas lembranças, perpassado pelo desejo de nele estar ou de revivê-lo.

Gislene Silva (2009), relembra o poeta Manoel de Barros, para analisar o “sonho mítico da casa no campo”, presente no imaginário rural do leitor urbano, consumidor da revista *Globo Rural*: “O Olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê”. Segundo a autora (2009, p. 4), no ideário pastoral está para os leitores

a sua pátria primeira, sua terra natal, seu quintal, sua casa paterna, sua mãe. Esta saudade do campo pode ser interpretada ainda como expressão de sentimentos míticos que o homem, até mesmo o mais urbano e moderno, carrega em relação à natureza, com a qual tinha uma ligação mais harmoniosa e intensa no tempo das comunidades primitivas.

Não exatamente próximo a esse “duelo” entre o rural e o urbano, mais um exemplo desse “saudosismo” e suas diversas faces na mídia, este artigo analisa a edição 229 da

revista *Trip* e pergunta como, nesta edição, o *vintage* e o “retrô”, tomados como sinônimos, são vistos e representados, ao mesmo tempo em que qualificam uma ideia sobre o passado, atualizando-o segundo um padrão editorial específico, dando a ver uma estrutura editorial.

## 2. A memória como fio condutor

O historiador Mateus Pereira (2011), ao discorrer sobre a “história do tempo presente” e seu “sucesso” como campo institucionalizado de estudos, afirma ser necessário ter em vista o compromisso com o rompimento em relação a uma “compulsão presentista” da repetição no/do tempo, ou em relação a uma história vista de maneira teleológica<sup>5</sup>. Baseado em François Dosse, o autor (2011, p. 59) coloca a memória como categoria importante, capaz de nos ajudar a “pensar formas de ação a partir de nossa relação com o passado”. Nesse contexto, Pereira, apoiado também em Marc Augé, aponta a ideia do “tempo presente” como um lugar de trabalho de esquecimento. As operações do “esquecer”, que implicam em escolhas, estão conjugadas em todos os tempos “no futuro, para viver o (re)começo; no passado, para viver o retorno; em todos os casos para não repetir” (2011, p. 59).

Neste viés, a memória não significa retorno, reprodução do que foi, mas um trabalho acerca de perspectivas temporais que se contaminam e que, por isso, não podem afirmar uma só época, sendo tal afirmação, a de vigência de um passado, por exemplo, um perigoso estratagema de construção de verdades sobre o bom ou o ruim, o certo ou o errado. E mesmo que tais conceitos, “memória” e “esquecimento”, não apresentem definições absolutas, dada a possibilidade múltipla de seus usos (e consequentes sentidos) (PEREIRA, 2011), problematizar o mundo a partir deles indica importantes formas de desvelamento de sentidos, deslocadas, vale dizer, de certas “seduções” que podem trazer ambos os termos.

A memória, como lembra Pollak (1989), não é algo unívoco. É sempre resultado de uma disputa com outras memórias, e suas manifestações dependerão de interesses manifestos no momento em que se dá sua ocorrência/constituição. Apesar de remeter-se a um contexto político, que põe em vista a tensão entre as “memórias oficiais” e as

---

<sup>5</sup> Mais que isso, afirma Pereira (2011, p. 61): “Em uma sociedade marcada pelo consumismo, autismo, alienação e narcisismo, uma de nossas dificuldades, como seres humanos, cidadãos e historiadores, é a de sermos também *contemporâneos de nossos contemporâneos*. Discutir – a partir da perspectiva aberta pela ideia de trabalho de memória, luto e esquecimento – os efeitos, no passado e no presente, de determinados traumas de nossa história – a escravidão, a colonização, as ditaduras, entre outros –, implica em atentar para a dimensão cívica e social do historiador, seja ele especialista no tempo presente ou não, na medida em que tal discussão pode contribuir para retirar a ‘dor dos objetos’, assim como pode ser capaz de gerar ação no presente” (PEREIRA, 2011, p. 61).

“memórias subterrâneas” em épocas europeias específicas, a reflexão de Pollak encaminha o pensamento sobre os “não-ditos”, sobre discursos que põem em silêncio certas questões que ordenam o cotidiano e atuam sobre memórias individuais e coletivas.

Nesse sentido, aquilo que se configura na e como memória coletiva possui papel importante na memória individual, sendo esta, como afirma Halbwachs (2004), um ponto de vista sobre a memória do coletivo, indissociável a ela. O autor, lembrando Pollak<sup>6</sup>, direciona seu olhar sobre a negociação existente entre o ponto de vista individual e coletivo a partir da memória, considerando nesse jogo o lugar ocupado pelos sujeitos e as relações que estes estabelecem a partir de sua localização.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004, p. 36).

Esta concordância (ou não) a que chama atenção Halbwachs terá, segundo o autor, papel decisivo na constituição de identidades, assim como na elaboração de memórias formais acerca de um evento, de um período. Não à toa, como vai problematizar Pollak (1989), as “memórias subterrâneas”, dos excluídos, terão papel fundamental na disputa contra memórias oficiais construídas, contribuindo para complexificar os sentidos acerca do que é lembrado e do que é esquecido na sociedade. Nesse viés historiográfico promovido pelos autores, Pierre Nora (1993) também possui grande contribuição com o conceito de “lugar de memória” e a distinção entre a memória como o “vivido” e a história como “reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (p. 09).

Os três autores possuem como pano de fundo de reflexão disputas políticas e econômicas e seus reflexos na vida de grupos sociais através do tempo. Questionam, pela atualização das lembranças, o funcionamento (e o caráter) construtivista da memória, chamando a atenção, por isso, para a disputa também existente entre passado e presente e para as hierarquizações e classificações da memória, que virão a se estabelecer e promover diferenciações e vínculos a partir de fronteiras socioculturais, com efeitos na coletividade e individualidade.

Nesse sentido, uma “história do tempo presente” que venha a lidar com a memória, não pode perder de vista certos “regimes de historicidade” (HARTOG, 2006) atuantes em

---

<sup>6</sup> A referência, neste caso, refere-se à edição francesa de “A memória coletiva”, publicada originalmente em 1968.

sua configuração, o que indica como o próprio presente reconhece o passado, agindo sobre ele a partir de constantes interpretações afetadas pelo agora<sup>7</sup>.

Se tomamos o papel da mídia e o “fenômeno retrô” como acontecimento, para além de uma simples temática em voga, algumas questões aparecem, colocando à mostra leituras massivas, que se tornam “autorizadas” e dão visibilidade a mais que uma “moda” de “retorno” ao passado, mas também a um regime de memórias e esquecimentos que tangenciam aspectos do consumo e do próprio funcionamento dos *media*, revelando algo de sua cultura (KELLNER, 2002; SILVERSTONE, 2003). O que não diz necessariamente de questões políticas e nacionais, como lembram os historiadores acima citados, mas que ditam lógicas de uma coletividade também perpassada por disputas e interesses da ordem do capital e de uma ambiência cultural específica.

Pierre Nora (1988), quando reflete sobre a relação entre acontecimento e tempo presente, lembra que um acontecimento só passa a existir no momento em que se torna conhecido. A leitura crítica realizada pelo autor questiona as operações de redundância e de apelo ao sensacional promovidas pela mídia, o que levaria a um esvaziamento do caráter extraordinário do acontecimento e geraria alienação. Sem entrar nessa discussão, mas valorizando sua contribuição para a perspectivação da dimensão visível do acontecimento, refletir sobre a atuação do jornalismo nesse contexto, o que também faz Nora, permite-nos alcançar o caráter temporal, bem como os interesses, que se cruzam a partir dele.

Como lembra Antunes (2009, p. 3) a partir de Arcquembourg (1996),

a compreensão da estrutura temporal de construção do acontecimento jornalístico pode ser referida a três níveis: a temporalização proporcionada pela trama da narrativa; a perspectiva temporal verificada ao nível da enunciação e as referências temporais acionadas para a caracterização do acontecimento.

É a articulação de tais dimensões, afirma Antunes (2009), que permite que se identifique, relate e interprete um acontecimento jornalístico. O jornalismo, no relatar do acontecimento, diz o autor, busca “estabelecer figuras de um regime de historicidade – uma passagem de um passado para um presente que o acontecimento teria como que cindido” (2009, p. 4). E tal acontecimento, construído e interpretado, não deve levar à uma ideia de incapacidade do relato noticioso em “permitir que o fato jornalístico também se abra para possibilidades variadas de inteligibilidade, que seja inovador ou perturbador em relação a

---

<sup>7</sup> Oliveira (2009, p. 15) relembra Ricouer (2007) e chama a atenção para um destaque dado por este autor: “o esquecimento protagoniza a mais importante operação da memória: o reconhecimento. Para explicitar essa dimensão junto ao reconhecimento, o pensador cunhou duas espécies de esquecimento: o esquecimento por apagamento dos rastros e o esquecimento de reserva”.

uma situação dada” (p. 5). O jornalismo busca, pelo relato noticioso, “reduzir a indeterminação do acontecimento”, o que “não significa estabelecer uma única determinação como muitas vezes parece querer um modelo de jornalismo atualmente dominante”. A busca por uma ordenação, presente no relato jornalístico, nada mais é do que uma projeção de ordem sobre o tempo, já que o próprio movimento do tempo, em sua fluidez, não pode ser captado por completo.

Nesse sentido, uma publicação que se destina a falar do tempo, nomeando e classificando-o, tal qual faz *Trip* em sua edição 229, acaba por realizar escolhas sobre o que tornar visível e inteligível sobre o fenômeno pautado, realizando em suas páginas um fluxo determinado de relações temporais – entre presente, passado e futuro, por exemplo – a partir de conteúdos visuais e textuais, mas também abre brechas, rastros, para pensar os movimentos de construção e interpretação jornalísticos e editoriais, indicando suas sobredeterminações.

Ao eleger a nostalgia como fio condutor e lupa de sua produção, tanto a memória como as demais operações reveladas na estrutura temporal de configuração das seções e de suas matérias, passam a estar afetadas por uma angulação que constrói um caminho pontual, um certo “ponto rítmico” (SODRÉ, 1996) do todo que ali se perfaz.

### **3. Nostalgia e edição temática**

No penúltimo parágrafo do “Editorial” (p. 28) da edição 229, Paulo Lima, editor de *Trip*, lança uma série de perguntas que questionam as possíveis motivações para a celebração constante do passado, de uma vida sem pressões, de uma vida mais simples. Perguntas que vão elencando outros sinônimos para um significado e um direcionamento que o último parágrafo do texto decreta: “Fazer essas perguntas num sobrevoo pelo curioso sentimento da ‘saudades daquilo que não se viveu’ é a inspiração para a nossa *Trip* neste início de 2014”. Logo abaixo, no canto direito da página, uma pequena nota soma-se ao elenco de sentidos que encaminha a edição: “Dedicamos esta edição à memória de Eduardo Coutinho, alguém que empregou sua vida ao registro poético da realidade e que dominou a arte de capturar o passado, mantê-lo presente e entregá-lo a quem quiser sentir seu gosto em qualquer tempo”.

A inspiração de *Trip*, cruzada à homenagem, aponta para um jogo entre uma memória e um passado, e o faz de uma maneira peculiar. A “saudades de alguém” ou a

“saudade do não vivido” evoca experiências distintas, mas unem-se por meio de um viés afetivo – a saudade como um dispositivo de memória –, que dá permissão para que, por um presente de escolhas editoriais, o leitor se guie por um passado atual, vivenciando uma contemporaneidade de tempos enfeixados por um pretense nexos.

Como aponta o historiador Rui Bebianco (2006, p. 3-4),

a atitude nostálgica não depende apenas do fascínio pela natureza irrecuperável do acontecido para afirmar a sua capacidade de atracção e o seu enorme impacto emocional. De facto, ela navega muitas vezes até um passado que jamais foi vivido, mas que é imaginado, idealizado, ou arquitectado a partir de modelos pré-estabelecidos, utilizando para esse efeito os diversos recursos dos quais dispõe a memória colectiva adquirida, entre os quais se conta, com grande destaque, o discurso historiográfico.

O autor lembra (2006, p. 4) que tais discursos operam por intermédio daquilo que Mikhail Bakhtin designou por “inversão histórica”: “o ideal que não pode ser vivido é projectado no passado, é ‘memorizado’ enquanto passado, conservado (‘cristalizado’, diz Bakhtin) em momentos seleccionados e combinados pela memória, ao mesmo tempo que outros permanecem omissos, isto é, são esquecidos ou recalçados”. Assim, conclui,

rebelando-se contra a ideia de “irreversibilidade do tempo” – sob a tutela desse “anjo da história” que Benjamin, nas Teses sobre Filosofia da História, colocava no limiar do passado e do futuro – a operação nostálgica desenvolve, desta maneira, com o permanente apoio da imaginação, como que um processo de higienização do acontecido, limpando-o das irregularidades, fazendo-o parecer completo e coerente, e transformando-o, por esta via, em exemplo e objecto de atracção. Podendo ainda colaborar na produção de visões do futuro (BEBIANO, 2006, p. 4).

Nessa toada, e à sua maneira, *Trip* evoca um imaginário nostálgico, fundado na cultura *pop* e do consumo para cumprir com sua missão de dissecar o *vintage*, o “retrô” que a inspira, o que pode ser visto desde a escala de assuntos principais, promovida pelo índice da edição (p. 26):

p. 57 – *PELO RETROVISOR*: o *retorno ao passado* está em todo lugar: na moda, na música, na arquitetura, na gastronomia. Entenda o porquê.

p. 66 – *SURF OLD SCHOOL*: A turma de jovens surfistas cariocas que preferem pegar onda *como se fazia nos anos 70*.

p. 74 – *POKER FACE*: Um perfil de Nicolau Villa-Lobos, filho do *ex-Legião Urbana*, que ficou milionário jogando pôquer.

p. 78 – *ROCKY 6.7*: *AOS 67 ANOS*, *Sylvester Stallone* revela o que pensa e sente debaixo de todos aqueles músculos.

p. 84 – *À MODA ANTIGA*: Uma seleção de calças, bermudas, jaquetas e acessórios feitos com o *bom e velho jeans*.

Nos ditos destacados acima, em itálico, percebe-se uma junção entre antes e depois, passado e presente, tramando, com um rol de palavras-chave, uma “viagem no tempo” e



elegendo as estações dessa jornada. O “retrovisor” que indica um “retorno ao passado” em “todo lugar”, segue acompanhado de uma menção ao “*surf old*” praticado hoje como há décadas atrás, complementado pelo nome de uma música do século XXI, “*Poker Face*”, cantada por Lady Gaga, e que faz menção ao herdeiro de um ex-integrante de famosa banda do universo musical brasileiro, dos anos 1980. Do desconhecido ilustre, passa-se a um ícone dessa mesma década, imortalizado no personagem do boxeador campeão *Rocky*, contemporâneo do “bom e velho” tecido da juventude da segunda metade do século XX: o jeans.

A coleção de outros exemplos se espalha por outros tópicos da edição, esmiuçando em subtemas a temática principal trabalhada. Seja pelos eixos que compõem o projeto editorial de *Trip* (corpo, alimentação, trabalho, sono, teto, saber, liberdade, biosfera, conexão, diversidade, acolhimento e desprendimento), funcionando como ponto de chegada e partida das pautas; seja pela materialização disso em textos, imagens, conceitos e diagramação.

Se por um lado a nostalgia aproxima sensações, por outro lado, o retorno ao passado, pode acionar memórias distintas, trazendo diferenciações. Como apontam Plutarco e Botelho (2012, p. 03), “a palavra composta nostalgia possui raízes gregas, na qual, ‘nostos’ significa retornar a terra nativa e ‘algos’ refere-se a dor, tristeza”<sup>8</sup>. Nesse viés, nostalgia e saudade, ao mesmo tempo em que podem ser vistos como sinônimo, pela dimensão afetiva que possuem, podem também apresentar contrastes. “A saudade tornou-se uma palavra e um estado que possui um certo estigma social, implica um regresso que é pelo menos teoricamente possível, enquanto a nostalgia representa o anseio por algo indiscutivelmente inatingível: um tempo passado” (PLUTARCO; BOTELHO, 2012, p. 09)<sup>9</sup>.

Assim, a inatingibilidade do passado associada à nostalgia, aponta para uma experiência inédita, um reviver impossível do passado que, no entanto, ao ser atualizado pelo presente, nos discursos, na “moda” das práticas cotidianas, no compartilhamento do imaginário, no âmbito de uma memória coletiva oferecida ao consumo individual ou não, potencializa-se como porvir. Cruzam-se e revisam-se tempos, criando-se uma experiência

---

<sup>8</sup> As autoras estão baseadas em: HOLAK, S. L.; HAVLENA, W. J. Nostalgia: An exploratory study of themes and Emotions in the nostalgic experience. *Advances in Consumer Research*, v. 19, 1992.

<sup>9</sup> As autoras estão baseadas em: MATT, S. You can’t go home again: Homesickness and nostalgia in U.S. history. *The Journal of American History*, p. 469-497, Sep., 2007.

leitora que organiza sentimentos e conteúdos, delimitando, também, o que cabe à uma edição da publicação, constituindo seu começo, meio e fim.

#### **4. Discursos e metadiscursos pelo tempo**

No editorial, Paulo Lima explica: é “difícil imaginar um campo da atividade humana onde não seja percebida hoje uma espécie de sutil e contínua invasão retrô, vintage, nostálgica, de revisita ao passado ou seja lá como vamos escolher chamá-la” (p. 28). Depois disso lança as proposições: vai se discutir na revista a volta do surf à moda dos anos 70’ juntamente com a problematização sobre o lugar desse retorno ao passado — se ele seria derivado de uma relação cíclica, um modismo para estimular o consumo ou medo do enfrentamento do futuro e suas imprevisibilidades.

Fiam-se três linhas narrativas sobre o passado que vão percorrer as matérias ao longo da edição: (1) *o passado como um lugar de segurança*; (2) *o medo e o desencaixe com relação ao presente e ao futuro* e (3) *o passado como lugar de aprendizagem*.

Na primeira linha, o passado é confortável e traz implícita a perspectiva de que ele não comporta surpresas. Constitui-se como um tempo conhecido no qual o exercício de retorno permite se ancorar para suportar o presente. Isso aparece na reportagem “Pelo retrovisor” (p. 57-64), de Sergio Cusco, no qual o “o passado é o novo preto”, em que são traçadas as características de pessoas que adotam o *vintage* como estilo de vida para encontrarem seu lugar no mundo. Conforme explica Cusco, o interesse pelo passado deriva de várias motivações: “Muitos por assumida saudade de um tempo que consideram melhor; outros porque se identificam mais com estilos consagrados do que com os contemporâneos; outros, ainda, para resgatar valores que pareciam em baixa nas últimas duas ou três décadas” (p. 59).

A metáfora da moda encontra ressonância no ensaio fotográfico “O bom e velho” (p. 84-91), no qual o jeans é apresentado como indicação por sua suposta transição no tempo, sua permanência. No ensaio sensual (p. 42-55) de Isabella Cutrim fica latente no cenário e na pigmentação amarelada, o uso de uma caleçon, dando às imagens um certo toque de passado. A foto (p. 49), que também estampa a capa alternativa da edição, possui uma intertextualidade singular: a modelo aparece assentada em uma privada, com uma toalha envolvendo seus cabelos, guardando muita semelhança com uma imagem de Leila Diniz, publicada na sua legendária entrevista ao *Pasquim*, que completou 45 anos em

2014<sup>10</sup>. Essa forma de olhar o passado comporta uma idealização: nela, o passado é sempre melhor, mais rico, mais válido e, por isso, sua permanência, sua duração (quicá seu retorno) enriqueceria o cotidiano. A memória vem como uma evocação de um tempo que se lamenta perdido.

Na fronteira desta abordagem, encontra-se a segunda linha narrativa, que aparece também na reportagem “Pelo Retrovisor”, quando se explica que essa procura pelo passado pode sinalizar uma fragilização dos indivíduos para lidar com o presente. Conforme a matéria, “Mais relevante, acredita o sociólogo [Dario Caldas], é ler nesse passadismo um certo temor ao futuro. [...] ‘Do começo do milênio para cá, olhar para o futuro deixou de ser uma experiência positiva. O mundo é perigoso, inseguro, não sabemos se vamos ter emprego e ainda por cima chegamos à conclusão de que destruímos o planeta’, diz.” (p. 64).

Essa perspectiva crítica aparece com bastante acidez na reportagem (p. 66-73) “De volta para o futuro?”, de Kátia Lessa, sobre um grupo de surfistas que tenta recuperar o estilo de surf dos anos 1970. Ela apresenta dois elementos que atraem esses grupos: a estética retrô e os valores. Sobre a primeira, ela cita as coleções promovidas por esses grupos, que transcende a prática esportiva: “Além das 15 pranchas que guarda na garagem, Peu coleciona câmeras fotográficas analógicas, duas filmadoras Super-8 e 16 mm, uma máquina de escrever, carro, roupas e até malas da época. [...] ‘Os caras faziam pranchas de madeira em casa. Era tudo menos industrial’, aponta” (p. 69). Quanto aos valores, ela cita a considerada liberdade típica desta década: “‘Aquela bagunça dos anos 70 representava bem essa vontade de amor incondicional, de espontaneidade e de integração entre as diversas tribos. Sinto que isso está sendo esquecido. Por que não resgatar tudo isso agora?’, indaga o rapaz, que mora em Búzios e não trabalha” (p. 69).

Essa forma de olhar o passado guarda uma compreensão de que ele é, em alguma medida, acessível e estático e a memória funciona como um esforço de recuperação. Há aí uma idealização, uma busca de um passado essencial e, necessariamente, melhor. Embora haja a tentativa de recuperar os substratos do passado (seus objetos e valores) como forma de garantir a autenticidade das referências, não se problematiza as dissonâncias que existiam à época. A este papel, cabe a inserção de falas de outras fontes, que vão se contrapor a essa versão idealizada, como acontece com a fala Julio Adler, jornalista esportivo: “Julio diverte-se com a paixão dessa turma pelas pranchas de madeira: ‘Madeira era coisa de imaginário uga-uga de havaiano, que surfava com toco. O poliuretano chegou

<sup>10</sup> Para visualizar a imagem d'O Pasquim, vide link: [http://2.bp.blogspot.com/-IVX7K4LgXMI/T9onOhZ2MNI/AAAAAAAAAnOU/GTbu2Qa0g\\_w/s1600/1+a+1+a+a+a+ld+pasquim+palavroes.png](http://2.bp.blogspot.com/-IVX7K4LgXMI/T9onOhZ2MNI/AAAAAAAAAnOU/GTbu2Qa0g_w/s1600/1+a+1+a+a+a+ld+pasquim+palavroes.png).

ao Brasil ainda nos anos 60 e todo mundo ficou louco, ninguém mais queria saber de madeira nos anos 70, não. A turma da praia gostava era de novidade” (p. 73). A reportagem mostra, assim, que o passado é também forjado, inventando para atender a necessidades de “autenticidade”, numa romantização do *surf*, como se ele não tivesse relações comerciais e mercadológicas àquela época.

A temática do surf atravessa também a entrevista especial da edição (p. 12-23), na qual Nick Caroll fala sobre seu recém-lançado livro sobre a história do surfista Tom Caroll, seu irmão. Esse livro é biográfico e faz um resgate do passado do surfista para recuperar sua trajetória de sucesso e seu envolvimento com drogas. Nesta entrevista predomina a terceira linha narrativa, na qual o passado é revisitado como um lugar de aprendizagem, de experiência.

Também na entrevista (p. 80-82) com Sylvester Stallone a tônica é a mesma: olhar para o passado nos traz revelações e, mais do que revivê-lo, pode-se aprender com ele. O ator conta, nessa recuperação de sua carreira, sobre os desafios enfrentados e reflete sobre fases específicas da fama: “O *Rocky III* é autobiográfico. Eu tinha me tornado muito egoísta, vaidoso. [...] Eu me tornei insuportável. Olho agora algumas das entrevistas que fiz naquela época e me dá vontade de voltar no tempo e me dar um soco na cara” (p. 82). Na coluna (p. 94), “Sarney, Rennan e a história se repete”, de Alê Youssef, embora o tema seja a política, mostra-se a atualidade do passado, olhando-se para a influência de grupos políticos que se perpetuam no poder. É interessante notar que nessa linha prevalece a perspectiva de que o passado dá subsídios para o presente, mas não substitui o agora ou o futuro.

Já no texto de Ricardo Guimarães (p. 98), em “Sem nostalgia”, tem-se uma fala categórica: “A vida de quem tira o máximo dela não tem espaço para nostalgia porque se movimenta para a frente. Reter-se no passado nostalgicamente é perder tempo, espaço e energia na direção de um desejado fim. Afinal, tirando a dor cultural do morrer, quem não tem curiosidade de saber *what’s next?*!”. Nesta abordagem narrativa, o passado oferece subsídios e é reconstruído a luz da experiência do presente: reconstruí-lo permite aprender com ele.

Delineia-se assim, ao longo da revista, definições sobre o *vintage* e a nostalgia, que ganham força em “Saudades do Passado”, na coluna de André Caramuru Aubert, quando ele explica que (p. 93):

convém não confundir nostalgia com aquilo que, descoberto pelos profissionais de marketing como contendo um elevado potencial de vendas, acabou batizado

como vintage e passou a representar qualquer produto que, de alguma maneira, remete ao passado. Principalmente, o que é ainda mais curioso, quando se trata de um passado que não se viveu: como acontece com jovens estudantes universitários, nascidos em plena democracia, e que saem de casa vestidos como se estivessem indo enfrentar as forças da repressão de 1968.

Assim, na revista, o passado comportaria uma dupla abordagem: da ordem do vivido, no qual o indivíduo cruza sua experiência pessoal com a memória coletiva, e do não vivido. Na primeira se inserem as falas de pessoas que relembram seu passado num movimento de reconstrução e rearticulação das próprias vidas a luz do presente: é assim com Nick Caroll, Stallone, Luiz Alberto Mendes, J.R.Duran, entre outros.

Na segunda abordagem, o passado é elaborado pelos inseguros sobre o presente, dos temerosos do futuro, que buscam no passado que não viveram certezas. Aí está a associação com o *vintage*: é mercadológico e frágil, posto que é uma idealização esvaziada da experiência. Nesta categoria estão os grupos urbanos que procurar surfar como na década de 1970 ou se vestir e se pentear como os Beatles e Elvis. Esses grupos são tratados criticamente através da fala de fontes especializadas dissonantes das perspectivas dos personagens saudosos, como na reportagem “De volta para o futuro?”, em que se diz “Remando contra a maré dos garotos saudosistas, há quem diga que todo esse amor pela década de 70 não passa de modismo. ‘Quem diz que curte os anos 70 com o papinho de que não gosta de competitividade não sabe o que está falando. Foi nessa década que surgiram os primeiros campeonatos mundiais. O pau comia no mar’, manda Julio Adler, jornalista especializado em surf e ex-surfista profissional” (p. 71). Ainda nesta reportagem, aparecem duas justificativas para este tipo de nostalgia: o consumismo que se beneficia, ciclicamente, desses retornos da moda, e o desenvolvimento da internet, que permitiria o acesso a imagens do passado com agilidade. Esse tipo de retorno ao passado é desvalorizado pois, ao mesmo tempo em que ele aparece desvinculado de uma experiência “autêntica” com um tempo progresso, ele aparece a serviço de interesses mercadológicos e viabilizado pelas tecnologias típicas do presente.

## **5. A utopia do túnel do tempo e o passado que será sempre presente e futuro**

*Trip*, ao propor essa edição temática sobre nostalgia e passado recuperando o tratamento desta questão em uma das edições da *Realidade*, de 1973, constrói um discurso — sobre o passado, a nostalgia e o *vintage*, que atravessa, como vimos, as formas narrativas

elaboradas no interior da revista — e um metadiscorso, no qual se pensa na forma revista, na sua linguagem e nos seus modos de fazer, mostra ao seu leitor que as revistas têm também o seu passado, sua memória e suas referências.

Assim constitui-se também a ambivalência que atravessa a edição: a nostalgia como um recurso comercial, como uma forma de tentar viver um passado idealizado (e nunca experimentado), representa fragilidade, perda. Já o passado que nos liga com a experiência, com o conhecimento e com o vivido é exercício de inspiração e aprendizado, é se valer da memória para reconhecer o lugar de onde se fala no presente. Associar-se com a *Realidade* é remontar a um tipo de produção que reforça a importância do jornalismo de revista na problematização das questões contemporâneas e também valorizar a própria *Trip*, que passa a exibir sua potencialidade de ocupar este lugar, de tematizar questões relevantes (tanto para o passado, quanto para o presente).

Ao se propor a discutir o lugar do passado, a “saudade daquilo que não se viveu”, *Trip* não se limita a apresentar formas de viver o “vintage”. Ela constrói, no seu discurso, definições sobre a nostalgia e dá a ver compreensões sobre o passado. Ela adota uma postura crítica diante da diversidade de formas de se referenciar o passado, criando, sobre este passado, uma certa memória. A nostalgia pode se referir tanto ao vivido quanto ao não vivido e, neste quadro, o passado como experiência vale mais. Buscar rememorar — ou constituir memórias através de experiências de segunda ordem, experiências de imagens — aproxima-se do *vintage*, do modismo e de uma fragilidade para se lidar com o presente. Tem a ver com um ressentimento com as características do agora e com a insegurança diante do futuro, está associado a uma tentativa de recuperar aquilo que não se tem mais sem a certeza de que um dia houve (seja *glamour*, seja liberdade). Há, nas entrelinhas dessa valorização do passado vivido, certa crença de que a experiência garantiria autenticidade, sem levar em conta que a memória é um exercício de seleção e construção, sempre alterada por afetos e pelo nosso lugar no presente, que é impossível de ser completamente mediado.

Com isso, nesta edição da revista, o passado vivido, sobre o qual os indivíduos são chamados a recuperar e reconstruir, é mais apreciado. Ele se torna um aprendizado, um processo de conhecimento e de constituição das histórias biográficas. Serve como subsídio para o presente e o futuro. Abre possibilidades. E contemplá-lo demanda uma (pretensa) coragem de rever atitudes. Mas não se deve esquecer: a memória não é individual nem se constitui fora das experiências sociais. Entre a crítica e a inspiração ao passado, como num sobrevoo sobre memórias a partir da nostalgia, *Trip* constrói uma memória “própria”,

atualizando em suas páginas um dizer, ora contraditório ora coerente, que esboça percepções possíveis acerca da constituição de uma edição temática e de sua inserção numa cadeia outra de temporalidades que são, também, editoriais.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. *Contemporânea* (Salvador), v. 6, p. 1-21, 2009.
- ARCQUEMBOURG, Jocelyne. L'événement en direct et en continu. L'exemple de la guerre du Golfe. *Réseaux*, Paris, n.76, p. 31-45, apr. 1996.
- BEBIANO, Rui. **Nostalgia e imaginação**: dois factores dinâmicos num mundo global. Disponível em: < [http://www.ces.uc.pt/cesfct/rb/RB\\_Memoria\\_Globalizacao.pdf](http://www.ces.uc.pt/cesfct/rb/RB_Memoria_Globalizacao.pdf) > Acesso em: 16/07/2015.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice. 1990.
- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v.22, n.36, jul/dez. 2006, p.261-273.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
- NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (org). **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. pp. 179-193.
- OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. Esquecimentos possíveis: a hermenêutica da memória de Paul Ricoeur. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 14, p. 6-24, jan./ jun. 2009. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/emtempo/article/view/2725/2281> >. Acesso em 25 jun. 2014.
- PEREIRA, Mateus. A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo?. **Humanidades** (Brasília), v. 58, p. 56-65, 2011.
- PLUTARCO, Flávia; BOTELHO, Delane. **A Volta dos Velhos e Bons Tempos**: proposições sobre o construto nostalgia na área de comportamento do consumidor. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad\\_2012/MKT/Tema%2001/2012\\_MKT1785.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2012/MKT/Tema%2001/2012_MKT1785.pdf)>. Acesso em: 15/06/2015.
- POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.
- REVISTA TRIP. Edição 229. Janeiro, 2014. 100 f.
- REYNOLDS, Simon. **Retromania**: pop culture's addiction to its own past. New York: Faber and Faber, 2011.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SILVA, Gislene. The rural imaginary of the urban reader: the mythic dream of a house in the country. **Brazilian Journalism Research**, v. 5, p. 154-162, 2009.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2003.
- SODRÉ, Muniz. “A forma da notícia”. In: SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.